

IDOSOS – ASSÉDIO MORAL E RELAÇÕES SIMBIÓTICAS

“Presidência da República-Casa Civil – Subchefia para assuntos Jurídicos - Lei no.10.741, de 1º. de outubro de 2003 – Dispõe sobre o estatuto do Idoso e dá outras providências.
Art. 1º. É instituído o Estatuto do idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.”



Alguns cidadãos e cidadãs idosos têm necessidade de orientações e assistência no âmbito da saúde físico-emocional, educacional, nutricional, à nível pessoal e familiar.

Para estimular e desenvolver as potencialidades do conjunto dessa população é fundamental atenção especial à participação grupal cultural e transporte coletivo farto e de boa qualidade.

Uma rede de transporte coletivo integrado permitirá o acesso e participação em atividades de acordo com os interesses e necessidades de cada um.

Viver e contatar com a comunidade em que vive, com parentes e amigos possibilita uma rede de comunicação, informação e proteção, que amplia as experiências de forma continuada e permanente, desenvolvendo conhecimentos, trocando energias e afetos.

Aceitar a submissão é algo que só se consegue às custas de uma grande tensão interior, que possibilite não ficar descontente com o outro, acalmá-lo quando está nervoso, esforçar-se para não reagir.

Essa tensão é geradora de estresse. Diante de uma situação estressante, o organismo reage pondo-se em alerta, produzindo substâncias hormonais, causando depressão do sistema imunológico e modificação dos neurotransmissores cerebrais.



De início trata-se de uma situação de adaptação, que permite enfrentar a agressão, seja qual for a origem. Quando o estresse é episódico e o indivíduo consegue administrá-lo, tudo volta à ordem. Se a situação se prolonga ou repete-se com intervalos próximos, ultrapassa a capacidade de adaptação do sujeito e a ativação dos sistemas neuroendócrinos perdura. A persistência de elevadas taxas de hormônio de adaptação acarreta distúrbios que podem vir a se instalar de forma crônica (2000, p.172).

O cidadão ou cidadã vê seu espaço físico residencial sendo manipulado à sua revelia acaba por se sentir inadequado e com vergonha de trazer amigos e parentes para a sua convivência. Não consegue ter consciência do jogo que se estabeleceu e que só 9/2/2010 colabora com sua doença e isolamento. As artrites, artroses, doenças cardíco-vasculares, neurológicas e outras são muitas vezes fruto de uma vida de desqualificação, cuidados inadequados e doentios.

O “idoso/a”, muitas vezes, dá até “prêmios” a seu “cuidador” e o defende de qualquer suspeita. Amigos, parentes e profissionais de saúde sentem-se, frequentemente, incapazes de intervir pois o “cuidador” é tão “querido e elogiado”, mas deixa em evidência seus comprometimentos psicológicos e mentais durante uma possível avaliação psicológica e psiquiátrica.



Os profissionais de saúde constantemente não trabalham em equipe, o médico de família, quando existe, não se encontra nem com o psicólogo nem com a assistente social. Somos, muitas vezes profissionais solitários executando tarefas, tentando curar sintomas repetitivos e que se agravam cada vez mais. Colocamos a responsabilidade na idade, mas ao vermos outros “idosos vivendo de forma interativa, saudáveis nos questionamos.

Bem que poderíamos gastar um pouco mais de nosso tempo com uma avaliação mais completa (psico-físico-neurológico-social e cultural). Não teríamos um diagnóstico baseado na idade mas na história de vida passada e presente do “paciente” e nas suas interações sociais.

Podemos citar Leonardo Boff que assinala o quanto é importante compreender que “ser no mundo é mais abrangente. Significa uma forma de ex-istir e de co-existir , de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e convivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua identidade” (1999, p.92).

Percebemos que a situação de impotência em que muitos “idosos/as” e profissionais de saúde se encontram é o resultado de Políticas Públicas inadequadas que duram há décadas no país, o que nos faz lembrar de Rollo May, psicanalista:



“Nossa situação é a seguinte: na atual confusão de episódios racionalistas e técnicos perdemos de vista e nos despreocupamos com o ser humano. Precisamos agora voltar humildemente só ao simples cuidado...;é o mito do cuidado – e creio, muitas vezes, somente ele – que nos permite resistir ao cinismo e à apatia que são doenças psicológicas de nosso tempo”(1999, pg. 101, *)

REFERÊNCIAS:

(*)BOFF, Leonardo. Saber cuidar – Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ:Vozes, 1999.

HIRIGOYEN, Marie-France. Assédio moral: a violência perversa no cotidiano.

Tradução de Maria Helena Huhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ROLLO, May, Eros e Repressão, Amor e Vontade, Petrópolis, RJ, Vozes, 1973, o sentido do cuidado, p. 318-340.

Lei No. 10.741, de 1º. de outubro de 2003.

Psicóloga Vanda Barreto Lopes –CRP 05/1054 - Psicoterapeuta Reichiana
Pós- Graduação em Sociologia Urbana, UERJ/RJ- Pós-Graduação em
Psicopedagogia, UCAM/NF - Revisora: Vilna Reis